

SOB O OLHAR DO CRONISTA

ORIENTAÇÕES PARA O ALUNO

Leia o texto a seguir:

Ser cronista

Sei que não sou, mas tenho meditado ligeiramente no assunto. Na verdade eu deveria conversar a respeito com Rubem Braga, que foi o inventor da crônica. Mas quero ver se consigo tatear sozinha no assunto e ver se chego a entender.

Crônica é um relato? É uma conversa? É o resumo de um estado de espírito? Não sei, pois antes de começar a escrever para o Jornal do Brasil, eu só tinha escrito romances e contos. Quando combinei com o jornal escrever aqui aos sábados, logo em seguida morri de medo. Um amigo que tem voz forte, convincente e carinhosa, praticamente intimou-me a não ter medo. Disse: escreva qualquer coisa que lhe passe pela cabeça, mesmo tolice, porque as coisas sérias você já escreveu, e todos os seus leitores hão de entender que sua crônica semanal é um modo honesto de ganhar dinheiro. No entanto, por uma questão de honestidade para com o jornal, que é bom, eu não quis escrever tolices. As que escrevi, e imagino quantas, foi sem perceber.

Clarice Lispector. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.



Foi assim que a escritora Clarice Lispector definiu o que é ser cronista. O gênero, comum em jornais e revistas, vai muito além das “tolices” e de “um modo honesto de se ganhar dinheiro”.

É através do olhar crítico do cronista que o cotidiano é filtrado e provoca o leitor a reflexões mais profundas a partir de cenas e fatos que o rodeiam. Uma crônica é como uma fotografia no ângulo ideal, um instante que faz perdurar um momento.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Imagine que o jornal mais importante de sua cidade convidasse-o a ser cronista por um dia. Sua tarefa é escolher uma notícia recente e, a partir dela, produzir um texto.

Faça uma busca em sites ou jornais e selecione uma notícia que poderia render uma boa história, caso seja filtrada pelo olhar astuto de um bom cronista. Para produzir sua crônica, siga estas recomendações:

- lembre-se de que a crônica é um texto curto cuja principal característica é relatar fatos e tecer reflexões acerca de acontecimentos cotidianos, de forma cronológica;
- selecionado o fato que servirá de base para sua crônica, reflita sobre ele e filtre-o por meio de um olhar crítico, inserindo suas impressões pessoais;
- empregue uma linguagem simples e direta; se desejar, use um tom humorístico, bastante comum ao gênero;
- quanto ao foco narrativo, você pode optar por redigir seu texto em 1ª ou 3ª pessoa.
- se desejar, empregue o discurso direto, técnica que pode garantir dinamismo à narrativa.

Leia os exemplos de textos a seguir:

TEXTO 1

Ciao

(Última crônica do poeta. *Jornal do Brasil*,
29/09/1984)

[...]

Crônica tem essa vantagem: não obriga ao paletó-e-gravata do editorialista, forçado a definir uma posição correta diante dos grandes problemas; não exige de quem a faz o nervosismo saltitante do repórter, responsável pela apuração do fato na hora mesma em que ele acontece; dispensa a especialização suada em economia, finanças, política nacional e internacional, esporte, religião e o mais que imaginar se possa. Sei bem que existem o cronista político, o esportivo, o religioso, o econômico etc., mas a crônica de que estou falando é aquela que não precisa entender de nada ao falar de tudo. Não se exige do cronista geral a informação ou comentários precisos que cobramos dos outros. O que lhe pedimos é uma espécie de loucura mansa, que desenvolva determinado ponto de vista não ortodoxo e não trivial e desperte em nós a inclinação para o jogo da fantasia, o

absurdo e a vadiação de espírito. Claro que ele deve ser um cara confiável, ainda na divagação. Não se compreende, ou não compreendo, cronista faccioso, que sirva a interesse pessoal ou de grupo, porque a crônica é território livre da imaginação, empenhada em circular entre os acontecimentos do dia, sem procurar influir neles. Fazer mais do que isso seria pretensão descabida de sua parte. Ele sabe que seu prazo de atuação é limitado: minutos no café da manhã ou à espera do coletivo.

[...]

Carlos Drummond de Andrade. "Ciao". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 set. 1984. Disponível em: <www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond38.htm>.

TEXTO 3

Comerciante é detido na contramão na Imigrantes

Um comerciante foi detido pela Polícia Militar Rodoviária ontem, pela manhã, após dirigir na contramão na rodovia dos Imigrantes por 1 km. Segundo a polícia, ele parecia embriagado.

Rogério Guedes, 31, foi abordado às 6h no km 21 da rodovia, em São Bernardo do Campo (Grande São Paulo).

Ele dirigia um Corsa no sentido contrário da pista que vai para o litoral. Como o movimento de carros era pequeno, não houve acidentes.

O comerciante foi levado para a 3ª Delegacia de Polícia de São Bernardo do Campo e submetido a um exame de sangue, no pronto-socorro central da cidade, para verificar se ele estava alcoolizado. Depois disso, foi liberado.

Se o exame confirmar que ele dirigia embriagado, o motorista responderá a processo por embriaguez ao volante e pode ser detido por até três anos, além de ter a carteira suspensa. O laudo deve sair em até 30 dias.

A Folha não conseguiu falar com o comerciante na tarde de ontem. Segundo a polícia, ele ainda não tem advogado.

Outros casos

Desde o começo do ano, já são mais de dez os casos noticiados de motoristas dirigindo na contramão no Estado – três desde sexta-feira.

Na sexta, um lavrador, de 51 anos, morreu no km 517 da rodovia Marechal Rondon, em Birigui (518 km de SP), após dirigir no sentido contrário da pista e bater em um caminhão.

José Demontie Maia dirigia uma Belina. Entrou na contramão na pista sentido capital-interior da rodovia e acabou batendo de frente com o caminhão, por volta das 20h.

Maia morreu na hora. A Polícia Civil não soube informar a distância percorrida pelo motorista na contramão. O condutor do caminhão, Valter Gonçalves da Silva, 41, nada sofreu.

Na madrugada de sexta-feira, em Campinas (95 km da capital), um acidente semelhante matou o motorista Emerson Sousa Medeiros, 32. Ele dirigiu seu carro por cerca de 2 km na contramão na rodovia Anhanguera e bateu de frente com um caminhão, por volta das 4h20, no km 103.

O motorista Josenilton Ferreira da Silva, 41, contou à polícia que dirigia um caminhão carregado com alimentos pela faixa da direita da rodovia, no sentido capital-interior e que o Peugeot 206 de Medeiros veio, de repente, em sua direção.

Talita Bedinelli e Fábio Amato. Folha de S.Paulo, 9 jun. 2008. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0906200830.htm>.

TEXTO 2

E foram todos à praia

"Advogado improvisa escritório na praia."

Cotidiano, 20 de janeiro de 1999

A notícia segundo a qual um advogado carioca tinha instalado o seu escritório na praia do Arpoador gerou reações as mais contraditórias. Alguns acharam um absurdo; é uma pouca-vergonha, uma falta de respeito, onde é que se viu praticar advocacia dessa maneira. Outros acharam graça: coisa de Rio de Janeiro, foi um comentário que se ouviu bastante. Mas muitos ficaram pensando: será que o advogado do Arpoador não tinha razão? Será que não estava certo ele em mandar as convenções para o espaço, em benefício de uma vida mais livre, mais descontraída?

Não foi surpresa, portanto, quando, próximo ao lugar onde atendia um advogado, apareceu uma barraca com uma pequena placa: "Escritório de Contabilidade". Logo depois surgiu um consultório médico e outro de psicologia. Em seguida, foi a vez de um consultor de empresas e de uma agência de publicidade. A essa altura as academias de ginástica se multiplicavam.

O movimento – um verdadeiro movimento social, organizado, contando inclusive com um lobby no Congresso – já não se restringia ao Arpoador e nem ao Rio, mas se propagava rapidamente pelo Brasil. Dos Estados interioranos vinham caravanas inteiras, carregando cartazes de apoio à vida na praia. Em breve o litoral brasileiro, de sul a norte, estava todo ocupado por pessoas que, em trajes de praia, exerciam as mais diversas atividades. Todos tranquilos, todos bronzeados.

Tão bronzeados que pareciam índios. O que deu, a algum estilista, a ideia de criar uma moda retrô com tangas, cocares, tacapes. O que só contribuiu para aumentar a desconcentração.

Estão todos na praia, portanto. Mas é com certa apreensão que eles olham para o mar. Temem que um dia apareça ao largo uma frota de caravelas e que um homem desembarque dizendo muito prazer, gente, meu nome é Pedro Álvares Cabral.

Moacyr Scliar. *Cotidiano Imaginário*. São Paulo: Editora Global, 2002. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff25019908.htm>.

TEXTO 4
Na contramão da história

Um comerciante foi detido pela Polícia Militar Rodoviária após dirigir na contramão da Rodovia dos Imigrantes por 1 km. Segundo a polícia, ele parecia embriagado.

Ao entrar na rodovia ficou surpreso em ver um carro vindo em sua direção – e aquela era uma pista de mão única. Acenou nervosamente para o motorista para que desviasse, e aí nova surpresa: o homem também lhe acenava, com o mesmo propósito. Passaram um ao lado do outro, de raspão. “Contramão!”, ele gritou indignado. O motorista do outro carro também gritou: “Contramão!”.

Ele mal se refizera do susto quando, de novo, avistou um veículo – um caminhão – igualmente em sentido contrário ao seu. E logo uma moto, uma van, e carros de passeio, e um ônibus – todos na contramão. Meu Deus, ele se perguntava, o que está acontecendo? Será que todo mundo enlouqueceu nesta rodovia, neste estado, neste país? A dúvida então lhe ocorreu: não seria ele o errado? Não estaria ele na contramão?

Não. Ele não estava na contramão, disso tinha absoluta certeza. Conhecia bem aquela rodovia, era um caminho habitual para ele. Teria havido, sem que ele soubesse, uma inversão de pistas? Talvez, mas isso não lhe tirava a razão. Uma alteração tão significativa deveria ter sido previamente divulgada; e teria sido necessário colocar avisos na rodovia.

Não. Ele estava certo, e continuaria em seu rumo, mesmo que todos os outros fizessem o contrário. Não seria a primeira vez na História que tal aconteceria. Afinal, Galileu Galilei tinha sido condenado pela Inquisição por dizer que a Terra girava em torno do Sol, quando todos afirmavam o contrário. Enfrentara corajosamente o julgamento, sem mudar de opinião. E ele não mudaria de pista. Continuaria dirigindo e fazendo sinais para os imprudentes até que todos se dessem conta da verdade.

Não demorou muito e foi detido pela polícia. O que ele aceitou com resignação. A conspiração não era só dos motoristas, era das autoridades, dos seres humanos em geral. Um dia, porém, a Verdade apareceria naquela estrada. Avançando celeramente, e na mesma mão em que ele estava.

Moacyr Scliar. *Histórias que os jornais não contam*, 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2011.

*Todos os links foram acessados em 23 mar. 2018.

Orientações para o professor

Para iniciar esta proposta, retome com os alunos as características mais importantes do gênero crônica. A seguir, leve à aula, jornais e revistas atuais e peça aos alunos que busquem notícias inusitadas, que poderiam dar origem a uma crônica. Esclareça a eles que os textos 2 e 4, da coletânea, foram escritos por Moacyr Scliar, a partir de notícias reais, para uma coluna no *Jornal do Brasil*.

Os livros *O imaginário cotidiano* e *Histórias que os jornais não contam*, ambos de Moacyr Scliar, e *De notícias e não notícias faz se a crônica*, de Carlos Drummond de Andrade, são excelentes referências para a produção do gênero.

Se quiser, confira trechos das obras, acessando:

- <www.companhiadasletras.com.br/trechos/13494.pdf>
- <https://issuu.com/leiaediouro/docs/hist_rias_que_os_jornais_n_o_contam_trecho>
- <<https://paraconsultar.wordpress.com/2018/03/22/nada-como-a-instrucao/>>
- <<https://paraconsultar.wordpress.com/2018/03/22/o-inferno-e-aqui-mesmo/>>

Bom trabalho!

Professora Fernanda Baccaro